



AVENÇA

TRIBUNA Livre

5
OUTUBRO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR ANTONIO JOSÉ DA COSTA

CHEFE DA REDACÇÃO JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

A POSSE DO NOVO PRESIDENTE DA CÂMARA DE AMARES

redundou numa manifestação grandiosa de vitalidade e confiança nos destinos do concelho e no mérito do empossado

Não há dúvida que dentro do concelho de Amares jamais se assistiu a uma tão impressionante manifestação em casos deste género.

Tudo quanto se previra foi excedido não só pela quantidade das pessoas que quiseram tributar a sua homenagem ao empossado como, especialmente, pela qualidade dessas pessoas, o que de mais representativo havia no distrito.

O concelho compareceu unanimemente mostrando que o acto despertava o seu interesse e que as mãos escolhidas para receberem o comando lhe mereciam confiança; também cada um quis significar a sua concordância e oferecer a sua colaboração.

No final nem um só duvidava da dignidade e da honestidade da solução porquanto o escolhido tinha mostrado com exuberância a facilidade da sua oratória, o seu poder de discernir, o conhecimento dos

problemas e dos homens, aliados a uma inteligência esclarecida.

Grande número de individualidades do concelho dirigiram-se ao limite do mesmo, no lugar de Entre-Pontes, para aí receberem o sr. Dr. António Abranches, ilustre Governador Civil. Este magistrado chegou ali por volta das 16 horas sendo recebido pelas seguintes entidades: D. Nuno Luís de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), novo Presidente da Câmara de Amares, António Maria San-

tos da Cunha, Presidente da Câmara de Braga; Padre João Martins de Freitas, Presidente da Junta de Turismo de Caldelas; José António Pires e Joaquim Barbosa de Macedo, vogais da União Nacional; Dr. Tomás Gonçalves de Andrade, Presidente do C. G. do Grémio da Lavoura; Paulo Barbosa de Macedo, presidente da Associação dos Bombeiros Voluntários de Amares; Dr. António José da Costa e João Barbosa de Macedo, da direcção deste Jornal; Dr. Amílcar Dias Leite, médico; Alexandre Antunes, professor; Padre Avelino dos Santos Antunes, professor do Seminário; Adão Arantes Russel, José



Faia o nosso Director

Manuel de Macedo, José Manuel Martins, António de Azevedo Sá Coutinho, António Alberto de Sousa e Sá, etc., além dum piquete dos Bombeiros.

Dali organizou-se um cortejo automóvel em direcção à Vila de Amares o qual ali era esperado por grande multidão que saudou o Chefe do Distrito.

(Continua na 2.ª página)



© Sr. Presidente da Câmara discursando

Visitante ilustre

Teve a gentileza de visitar a nossa redacção o sr. Dr. Gastão Ribeiro Pereira, advogado e coronel reformado, vice-presidente da Assembleia Geral da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, com sede em Braga.

Agradecemos a sua visita e as palavras amigas que nos dirigiu.

Em defesa da integridade moral

Devemos salientar que o verdadeiro escudo defensivo da integridade, quer física, quer moral, quer mesmo da fazenda de cada individuo, depende da boa administração da Justiça; e esta resulta do conceito moral em que é tida pelas pessoas que a administram, mas particularmente por todos aqueles que deverão concorrer para aplicação das leis, sendo de sublinhar o importante papel das testemunhas e declarantes, os quais, se não tiverem amor à verdade influem em condenações injustas ou na funesta impunidade dos delinquentes.

A moralização dos costumes representa, portanto, factor importante na vida dos tribunais.

Se muito se tem progredido na preparação da magistratura e do funcionalismo judicial e mesmo em alguns sectores do direito, em muitos casos ainda se esbarra com a inoperância das leis, devido em parte à falta de formação moral dos depoentes e dum modo particular devido às dificuldades impostas ao procedimento judicial, especialmente de ordem económica, por obrigarem a acusação particular, muito dispendiosa.

Fizeram-se ultimamente algumas criteriosas modificações e alargamentos neste sentido, mas esqueceu-se ainda desta vez de dar a atenção devida aos crimes de difamação, calúnia e injúria.

Em nosso pouco entender, a chave da defesa da integridade moral, está na punição destes três repugnantes crimes, tão gémeos entre si e tão virulentos, que bastam para pôr em sobressalto o mun-

(Continua na 5.ª página)

O sr. Padre Albino José Fernandes Alves teve uma recepção apoteótica, significativa e impressionante

Antes da hora marcada para a recepção ao sr. Padre Albino José Fernandes Alves que no passado domingo, tomou posse da freguesia de Ferreiros, já o povo acorria ao local designado dando a certeza de que ninguém faltaria.

Assim se foram juntando e com ele um piquete dos Bombeiros Voluntários, a Banda Musical da mesma colectividade, a Junta de Freguesia, a Comissão Fabriqueira, a Direcção e demais corpo directivos da Associação dos B. Voluntários, a direcção da Casa do Povo, a representação do grupo desportivo local, a direcção da «Sopa dos Pobres», as associações religiosas, a direcção da Caixa de Crédito Agrícola.

O Rev. Manuel Matias do Lago e Costa, digno Arcipreste, compareceu também para se associar ao acto e dar a posse ao novo pároco, estando ainda presentes alguns sacerdotes do Arciprestado.

Cerca das 10,15 horas, chegou o sr. Padre Albino Alves que vinha precedido de vários carros da Póvoa de Lanhoso e Vieira do Minho e uma camioneta transportando gente de Sobradelo da Goma.

Quando desceu do carro era aguardado, além das entidades já referidas e duma
(Continua na 4.ª página)

Hora legal

Às 3 horas de domingo, os relógios devem atrasar-se 1 hora, entrando-se assim na hora de Inverno.

Na nossa redacção

Teve a gentileza de vir à nossa redacção apresentar cumprimentos e agradecer as referências que aqui lhe foram feitas, o sr. Padre Albino José Fernandes Alves, pároco de Ferreiros, desta Vila.

Agradecemos a atenção do ilustre visitante a quem reafirmamos a nossa admiração pelas suas magníficas qualidades e oferecemos as colunas deste jornal para o ajudar na sua alta missão.

A POSSE DO PRESIDENTE DA CÂMARA

(Continuação da 1.ª página)

Como a posse se verificaria na sala de audiências do Tribunal Judicial, por ser o recinto mais espaçoso da Vila, logo para ali se dirigiu a multidão, enchendo-a por completo.

Quando o sr. Governador Civil surgiu para conferir a posse foi alvo de carinhosa recepção da multidão que assim lhe quis manifestar o seu grande apreço e inteira concordância com a decisão tomada.

De entre os presentes pudemos anotar os srs.: Conde da Figueira, Viscondessa de Paço de Nespereira, Dr. Felicissimo Campos, presidente da Comissão Distrital da U. N., Governador Civil substituto, Joaquim Chaves, drs. Avelino Silva, Carlos Fernandes, António Vilas Boas e Alvim, António José da Costa, Tomás Gonçalves de Andrade, Miguel de Souto, Pessoa Monteiro, Luís Assis, Francisco Azevedo Soares, Corregedor do Círculo, Eng. Francisco de Lindoso, Vasco Avelar, Arnaldo Azambuja, Luís Novais, Paulo Barbosa de Macedo, José Manuel de Macedo, Carlos Braga da Cruz,

Discurso do sr. Governador Civil

Terminada a leitura do auto de posse o sr. Governador usou da palavra, começando por se dirigir aos presidentes das Comissões Distrital e Concelhia da União Nacional que saudou.

Agradeceu a colaboração do sr. dr. Avelino Silva que serviu durante oito anos, e dirigiu-se ao novo Presidente da Câmara e disse:

Muito obrigado, a V. Ex.a, sr. Presidente a minha gratidão por ter aceite o convite que lhe fiz, com a plena concordância da Comissão Concelhia da União Nacional, para o desempenho do cargo de que acaba de tomar posse. Sei quanto representa de sacrificio, quanto é índice de espirito nacionalista, aceitarem-se funções tão melindrosas, e quase sempre ingratas; mas também sei que se ao assumirem-se se está pleno do desejo de ser útil aos outros, de poder prestar à sua Terra benefícios de vária ordem esse sacrificio é atenuado e suportável.

Deixa V. Ex.a uma vida calma, devotada à família e à sua grande lavoura por uma outra que longe está de o poder ser, e tal facto traduz sentimentos de abnegação que são síntese de egoísmo, infelizmente vulgar em muitos daqueles que à causa pública podiam dar benéfico contributo. Mas essa circunstância resulta, meus senhores, de termos um magnifico exemplo no Chefe que Deus deu à Revolução Nacional nesse Homem a quem a Nação deve uma estrutura moral e política que permitiu a formidável obra de restauração e renovação bem visível a todos que não sejam cegos de espirito.

Traçar, mesmo ao de leve que fosse, o perfil das qualidades de que V. Ex.a é senhor — inteligência, formação perfeita nacionalista e total ho-

Tenente-coronel Marcelino da Conceição, Padres: Lago e Costa, Arcipreste de Amares, João Manuel de Barros, Arcipreste de Braga, Cónego dr. António José Ribeiro, Avelino Antunes, professor do Seminário, Hilário Veloso de Barros e António Ribeiro; Conde de de Carcavelos, Dr. Eduardo Gonçalves, Dr. Manuel Arantes Rodrigues, Joaquim Barbosa de Macedo e José António Pires, da comissão concelhia da U. N., Dr. Teófilo Esquivel, Eng. António Lacerda, Cruz Inácio Teixeira, D. Francisco de Bourbon Ludodo, D. Miguel Sotto Mayor, todos os presidentes das Juntas, regedores, vereação, etc.

Ladearam o Chefe do Distrito o sr. Dr. Eduardo Gonçalves, Presidente da Comissão Concelhia da U. N., à direita, e o sr. D. Nuno Luís de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), à esquerda.

Leu o auto de posse o aspirante sr. Godinho Ribeiro, seguindo-se a assinatura das testemunhas do auto e de todos os presentes.

mem de bem — seria neste momento inútil. Se V. Ex.a foi designado para o lugar, sentem, nesta altura da semana, uma diferenciação invulgar que os torna aliciados à Bola, sob o império radioso de um dia de sol uma tarde de hora e meia, com entusiasmo febril, acicatado pelas parangonas jornalísticas, pelos ditos espirituosos, pelas tertúlias endiabradas que prognosticam os golos de parte a parte que A ou B vão meter nas redes adversárias.

Ao indiferente — e esta quantidade é mínima — pode parecer-lhe irrisório tal estado de coisas. Quem, porém, tenha percorrido algumas capitais do estrangeiro (onde geralmente se vai de longada na perspectiva do inédito) verifica-se que o entusiasmo reinante na cidade é cópia fiel do que se passa noutras muitas cidades de países nossos amigos e, até, inimigos.

Em Madrid, por exemplo, não há muitos anos, em certa semana toda a gente em unissono, discutia uma corrida de touros que se realizaria em próximo domingo e, em que intervinham Manolete e Dominguin. Era o fulcro portentoso da Arte, entre esta, a coragem e a brutalidade do touro. E Madrid delirava no antegozo de apreciar a disputa entre os dois melhores matoadores da Espanha...

Em Londres, no campo de corridas de Ascot, onde a elegância das mais fadadas pela fortuna é imperatriz e onde ainda as maiores celebridades do mundo do Dinheiro de White Hall exhibe os seus bem fornecidos erários, verifica-se uma multidão que durante um mês discutiu, previu, profetizou, prognosticou qual seria o cavalo que arrebataria o Grande Prémio...

E nem por isso se pode di-

zer que a Espanha e a Inglaterra tenham baixos motivos

Fala o sr. dr. Eduardo Gonçalves

Seguidamente usou da palavra o sr. Dr. Eduardo Gonçalves, presidente da C. Concelhia da União Nacional o qual exaltou as altas qualidades do sr. Governador Civil a quem agradeceu a posse daquele acto.

Dirigindo-se ao empossado referiu que não lhe faltam qualidades para bem desempenhar o alto cargo para que foi no-

Fala o sr. dr. Tomás Gonçalves de Andrade

Falou, em seguida, o sr. Dr. Tomás Gonçalves de Andrade, presidente do Conselho Geral do Grémio da Lavoura que começou por agradecer ao sr. Governador Civil ter deixado o Palácio dos Falcões para vir ao nosso concelho numa das suas primeiras visitas, ou talvez, a primeira.

Referiu-se ao acerto da escolha dizendo que se ela fosse feita por plebiscito obteria a unanimidade dados os dotes excepcionais que adornam o empossado.

Que pediu a colaboração do sr. D. Nuno Lorena para os trabalhos do Grémio da Lavoura e ali verificou quanto carinho e atenção lhe mere-

Fala o sr. dr. António José da Costa

Na sequência dos discursos usou da palavra o sr. dr. António José da Costa que prestou homenagem ao primeiro magistrado do distrito na primeira saída oficial à sua terra.

Testemunha a sua admiração pelas altas qualidades do sr. dr. António de Azevedo Abranches ainda agora demonstradas com a escolha do novo Presidente da Câmara de Amares.

Manifesta o seu apreço pela pessoa do sr. dr. Avelino Silva que deixa o cargo do Presi-

O agradecimento do novo Presidente

Finalmente usou da palavra para encerrar a sessão solene, o novo Presidente da Câmara Municipal de Amares que proferiu o discurso que segue:

«Ex.mo Sr. Governador Civil do Distrito.

Ex.mo Sr. Presidente da Comissão Distrital da União Nacional.

Ex.mo Sr. Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional.

Minhas senhoras e meus senhores:

Em primeiro lugar quero agradecer a V. Ex.a Senhor Governador a honra concedida na confiança depositada na minha modesta pessoa para o exercício deste cargo.

Se é certo que a Câmara de Amares não aumenta o prestígio pelo facto de eu aceitar a sua Presidência, pois já está bastante prestigiada pelos Presidentes meus antecessores, que não é menos verdadeiro eu não vir buscar aqui qualquer aumento para o meu prestígio, uma vez que me não movem nem ansias de glória política nem cobiças de

educacionais para pôrem de parte semelhantes entusiasmos.

A assistência aplaudiu demoradamente e com o maior calor as palavras do sr. Governador Civil.

meado e que da sua acção muito há a esperar. Ofereceu os seus préstimos e os do órgão político a que preside.

O sr. presidente cessante proferiu algumas palavras nas quais agradeceu a colaboração recebida e exprimiu o seu desejo pelas maiores felicidades do empossado.

cem os problemas da lavoura.

Aludindo ao grande sacrificio feito pelo empossado em aceitar o cargo de presidente da Câmara diz que com esta aceitação vai deixar por mais tempo a família que tanto acarinha e por isso se dirige à família do sr. Conde da Figueira, pai do novo Presidente.

Exalta as altas qualidades de chefe de família do sr. D. Nuno Luís de Carvalho Daun e Lorena (Pombal) e apresenta os cumprimentos a toda a sua família cujos dotes enaltece com o maior entusiasmo e a maior justiça.

No final foi muito aplaudido.

dente do Município mas que por certo não deixará de continuar a prestar a sua colaboração já evidenciada depois de dois mandatos consecutivos.

Assevera que é espinhoso o cargo que vai desempenhar mas — afirma — V. Ex.a conta com a colaboração e dedicação de todos nós dos elementos mais activos do concelho.

E conclue: quem tem, assim, a colaboração de todos os elementos só pode ter um resultado — o triunfo.

modestia à parte, que posso ser esse homem.

Porque tenho a certeza de que atrás de mim e acima, na hierarquia, se encontra um chefe com altas virtudes de carácter e inteligência, um chefe que usa o poder com mão firme mas paternal, possuidor de uma consciência recta habituada de há muito, pela carreira que escolheu, a julgar, apta a discernir prontamente o bom do mau caminho, a boa, sã e verdadeira política da demagogia; um chefe que, sejam quais as circunstâncias, se manterá sempre fiel aos princípios que nortearam a Revolução Nacional de 28 de Maio e que são ainda felizmente e superiormente determinados por Sua Ex.a o Senhor Presidente do Conselho, Professor Salazar. Eu, certo de tudo isto, aceitei este cargo.

Quero, Senhor Governador, ser em Amares o homem de confiança de V. Ex.a; mas quero mais: que essa confiança longe de permanecer constante em potência — como que afundada do tempo — à medida que o tempo caminhando fôr, à medida que eu fôr servindo, fôr colaborando, ela se torne cada vez mais firme, cada vez mais forte.

Pertenço a uma classe que no decurso da história se formou por serviços e cujo o lema foi, servir. Sinto-me feliz por ter oportunidade e ensejo de servir o meu concelho, o povo de Amares do qual, com muita honra, faço parte.

Homem da terra, por profissão escolhida, que da terra e para a terra vive e dela recebe todas as canseiras, angústias, desilusões e agruras, mas também todas as alegrias, as primeiras fruto de um clima ingrato e de uma economia que ainda não atingiu o equilíbrio estável, as segundas consequência de uma sã liberdade e independência que não conseguiram, ainda, escravizar a deusa técnica e enfeudar ao vil metal; manancial inesgotável de valores que, apesar da onda de materialismo que graça, não esqueceram as razões porque Cristo veio ao Mundo.

Homem da terra cujo o lema é servir eu, julgo poder afirmar que dificilmente haverá quem atenda ao povo de Amares sem distinção alguma, independentemente de categorias ou bens de fortuna, com o melhor espirito de justiça, caridade cristã e maior delicadeza. São disso garantias os meus princípios e a minha educação.

Findo o seu discurso o sr. Presidente da Câmara foi apoteoticamente aplaudido por todos os presentes em seguida alvo das maiores manifestações de carinho e estima.

Ao dar por findo este acto o sr. Governador Civil foi igualmente aplaudido recebendo as maiores provas da muita admiração que todos sentem pela sua alta figura.

* * *

O novo presidente da Câmara recebeu grande número de telegramas de individualidades que não puderam estar presentes.

TRIBUNA do CONCELHO

Vida elegante

Aniversários

Amanhã—As gentis meninas Elisa Severina Martins Dias e Maria Fernandes de Oliveira e Silva e o Sr. P. e Manuel Joaquim Alves da Lomba.

Segunda-feira—A gentil menina Olímpia Rebêlo de Macedo.

Terça-feira—A gentil menina Maria João Calheiros Marques e o Sr. António José Machado.

Quarta-feira—As Srs. D. Julita Mendes Tomé e Maria Isabel Dias.

Quinta-feira—A gentil menina Teresa Arantes Meneses e o Sr. José da Conceição Martins Victoriano.

Aniversário

Ocorreu no passado dia 25 do mês de Setembro o aniversário natalício da sr.^a D. Florinda Rodrigues estremosa esposa do sr. Gualter Rodrigues, que presentemente se encontra entre nós. Chegando há pouco do Rio de Janeiro, como noticiamos.

Endereçamos à aniversariante os nossos melhores desejos de muita felicidade.

Casamento

Na igreja matriz da paróquia de Goães, no passado dia 28 do mês de Setembro, realizou-se o enlace matrimonial da menina Maria de Lourdes Rodrigues filha da sr.^a Ermelinda de Araujo Rodrigues e do Sr. Manuel Rodrigues Saraiva, com o sr. António Joaquim dos Santos Maia, filho da sr.^a Maria Celeste dos Santos Maia e do sr. Belmiro da Silva e Sousa, todos residentes na freguesia de Goães, deste concelho.

Ao novo lar, desejamos-lhes as maiores venturas.

Gente nova

No passado dia 1 do corrente, deu à luz uma robusta criança do sexo feminino a sr.^a D. Maria de Fátima Barros Azevedo Gonçalves, estremosa esposa do nosso particular amigo sr. Narciso José Gonçalves, desta localidade. Mãe e filha encontram-se bem. Apresentamos-lhe os nossos parabéns.

Bombeiros de Amares
Telefone, 62113

Concurso de FUTEBOL

«Leões d'A Modelar»

Reina na verdade um grande entusiasmo à volta deste nosso concurso.

Após a 4.^a jornada de futebol, a classificação ficou assim ordenada:

1.º António Martins	49 Pontos
2.º Manuel P. Janela	59 »
3.º Abel da S. Dias	60 »
4.º Manuel A. Soares	60 »
5.º Abel J. D. Antunes	60 »
6.º João F. Barbosa	60 »
7.º Paulo R. B. Macedo	61 »
8.º Manuel M. Fernand.	61 »
9.º Manuel A. da Silva	61 »
10.º João B. de Macedo	62 »

Vários são as surpresas que certos desafios apresentam, e daí a constante permuta de lugares na classificação geral.

Nesta jornada temos, na verdade, de salientar o concorrente que se encontra em 10.^o lugar que além de conseguir menor número de pontos, subiu na classificação geral 15 lugares.

Porém, a sorte não favoreceu a todos não acontecendo o mesmo com o concorrente Alberto António Rodrigues que na semana anterior se encontrava em 2.^o lugar e agora encontra-se em 18.^o.

O concorrente do 1.^o lugar continua a fazer uma prova com muito acerto e se não houver deslize será muito difícil desalojá-lo. No entanto, ainda temos pela nossa frente muitas jornadas e com elas muitíssimas surpresas.

Esperemos com calma e confiantes na próxima jornada.

LAGO

Lemos, não há muito tempo que o Santo Padre, Pio XII, proibiu o uso de alto-falantes a retransmitir para o exterior, os actos do culto praticados nas igrejas ou capelas. Medida acertada, como aliás serão todas as tomadas pelo vigário de Cristo na terra. Nunca vimos vantagem em que as pregações paroquiais fôssem propagadas pelos alto-falantes.

Pelo contrário, muitas pessoas não vão à igreja porque ouvem o que lá se diz, ou da cama ou do campo ou no adro, fumando um cigarro.

Lemos, também, que em Darque, ao fim de 24 horas de berraria infernal dos referidos aparelhos, um habitante daquela localidade, teve de fugir de sua própria casa para não enlouquecer.

Contamos estes dois casos

Incêndio

No passado dia 29, pelas 21,30 h., foram pedidos os socorros dos Bombeiros Voluntários de Amares, para o lugar de Borças, da freguesia de Rendufe, para extinguir o fogo, que por negligência, se havia manifestado numas medidas de palha, pertencentes a Júlia do Nascimento Fernandes. Os prejuízos são insignificantes.

No local também compareceu uma patrulha da G. N. R.

para reforço do que há muito vimos pedindo, para que quando cá tiverem essa aparelhagem se faça um uso mais moderado da mesma. Que aqui é uso tocarem até cerca das 24 horas e voltar ao mesmo às 5 (ou antes) da manhã... E ainda há quem ache pouco, tanto disco.

—Grassa por aqui, com grande intensidade uma epidemia de coqueluche.

—A freguesia de S. Vicente do Bico, foi anexada, religiosamente, à freguesia de Fiscal. Parabens a S. Vicente.

—Encontram-se ainda nesta localidade a sr.^a D. Rosalina Ribeiro Soares, seu filho sr. Alfredo Ribeiro Soares e esposa D. Rosa Venâncio Soares. — J. P.

Bouro

Grande Feira Franca de S. Mateus

Realizou-se no passado dia 22 do mês findo, a Grande Feira Franca de S. Mateus, cujo brilho do que se revestiu é digno de especial referência.

Porque ainda não tínhamos em nosso poder os elementos indispensáveis, não foi possível publicar a sua realização no último número deste semanário.

Ainda bastantes prejudicados pelo mau tempo, como já aconteceu no ano anterior, podemos dizer que a feira atingiu o brilho que se pretendia dar-lhe.

Os números atractivos foram na verdade de excelente agrado e verificou-se elevada concorrência de povo que utilizando todos os meios de transporte, se dirigia para o largo do Terreiro, onde teve lugar a grande realização.

O anunciado Arraial Minhoto, foi também muito concorrido e o fogo de artifício agradou em absoluto, pela sua excelente qualidade, com especial referência para os fogueteiros de Souto e Paranhos, por serem os que mais se distinguiram nesta competição.

Verificou-se um elevado

número de concorrentes aos prémios de gado, que foram assim atribuídos:

Gado de talho — 1.º prémio, José Joaquim Santos Mota, da freguesia de Vilela, 2.º, Inocência Belmiro Rodrigues Saraiva, de Bouro e Quinta da Portela, de Goães.

Bois de trabalho — 1.º prémio, Quinta da Portela, Goães. 2.º, Manuel dos Santos Antunes, Santa Marta.

Vacas de trabalho — 1.º, Manuel António Pereira, Goães. 2.º, Manuel Joaquim da Cunha, Bouro.

Bois reprodutores — 1.º, Manuel José de Barros, Bouro. 2.º, Adelino Dias Esteves, Santa Isabel do Monte.

Touros sem desfecho — 1.º, Manuel da Silva Xavier, Dornelas. 2.º, António Joaquim da Silva, Dornelas.

Touras sem desfecho — 1.º, Belmiro de Oliveira, Águas Santas, P. de Lanhoso. 2.º, João Pereira do Lago, Vilela.

Touros a dois dentes — 1.º, José Augusto Xavier, Dornelas.

Touras a dois dentes — 1.º, Paulino Pereira, Monsul, P. de Lanhoso.

Porcos de engorda — 1.º, Amélia da Conceição de Sousa, Bouro. 2.º, Maria Joaquina da Silva, Bouro.

Porcas de criação — 1.º, Agostinho Vilela, Bouro. 2.º, Teotónio Ribeiro, de Bouro.

Gado cavalari — 1.º, José Maria da Silva, Trindade, Póvoa de Lanhoso. 2.º, João de Jesus Gonçalves, Friande, P. de Lanhoso.

Pelas chamadeiras — 1.º, Tereza Augusta de Sousa Amorim, de Bouro. 2.º, Herminia de Jesus de Sousa Amorim, de Bouro. 3.º, Maria Aurora Martins, de Vilela.

Os restantes prémios, não foram atribuídos por falta de concorrentes.

Estamos certos que se não fosse o mau tempo, o brilho teria sido ainda mais imponente e a concorrência muito maior, no entanto atingiu mais do que o previsto.

Presidente do Município

O humilde povo de Bouro, aproveita as colunas deste conceituado jornal, para através dele, apresentar ao novo presidente do Município Ex.^{mo} Senhor D. Nuno Luiz de Carvalho Daun e Lorena, os seus sinceros parabéns e o desejo de muitas felicidades no desempenho do alto cargo, que tão dignamente acaba de assumir.

A. Fernandes

Tribuna de Vila Verde

(Continuação da 6.ª página)

de em que o interessado requer, e local da obra;

b) Número e data da licença para as obras efectuadas; e

c) Local em que devem ser procuradas (das 9,30 às 14 horas dos dias uteis) as chaves da edificação a vistoriar, chaves que não deverão encontrar-se a mais de 100 metros da mesma edificação.

§ 5.º — Quando por não se encontrarem as chaves no local indicado ou por qualquer outro motivo imputável ao requerente, a vistoria se não efectue, será lavrado auto da ocorrência, com indicação de testemunhas, e as houver, e

ficará sem efeito o pedido. Neste caso os peritos têm apenas direito ao subsídio de transporte legal, e reverte para o Município a taxa de vistoria que tiver sido paga. O facto que impediu a vistoria será comunicada ao requerente com a informação de que ela só poderá realizar-se mediante novo requerimento e novas taxas.

Câmara Municipal de Vila Verde, Setembro de 1958.

Vida elegante

Das suas bem merecidas férias, regressou, em companhia de sua Ex.^{ma} esposa e filhinhos, às suas ocupações. O Ex.^{mo} Sr. Dr. Alexandre Herculano Martins da Costa, muito digno Delegado do Ministério Público nesta comarca.

—Regressou também a Évora onde exerce o lugar de Chefe de Repartição Central do Tribunal daquela cidade, o nosso amigo Rodrigo Vilhena da Cunha.

Vila Verde, 1 de Outubro de 1957.

D.

HUMORISMO

Bons imitadores

Dois judeus partem juntos e, para evitar a compra do segundo bilhete, um deles meteu-se dentro dum saco que o outro põe debaixo do assento da carruagem. Chega o revisor.

- O bilhete?
- Aqui está.
- E este saco, que é?
- É meu.
- Que leva dentro?
- Ferragens.

Para se certificar o revisor dá um pontapé no saco, e debaixo do assento ouviu-se uma voz:

—Delimindim...

Em casa de um naturalista

A freguesa — Eu queria comprar um macaco;
O empregado — (mostrando uma colecção de animais empalhados); — Queira escolher, senhora.

A freguesa — Não é isso, senhor... Quero-o vivo.

O empregado — Patrão! Procuram-no!

Não havia engano

Pedro, tu tornas-me a vida insuportável.

— Se não estás satisfeito vai para junto de tua mãe.

— Bem sabes que ela morreu, miserável!

— Justamente!

O sr. Padre Albino José Fernandes Alves

teve uma recepção apoteótica, significativa e impressionante

(Continuação da 1.ª página)

mole imensa de povo desta freguesia e das vizinhas, pelo Senhor Presidente da Câmara de Braga, Presidente da Câmara da Póvoa de Lanhoso, Arcipreste da Póvoa de Lanhoso, Desembargador Dr. João Vieira da Castro, Dr. Almeno Vieira Leite, Dr. Manuel Gonçalves, etc.

Apresentado pelo sr. Arcipreste de Amares recebeu os cumprimentos dos presentes perante os acordos da Banda, a continência dos bombeiros e o estrelar dos foguetes.

Ao entrar do adro foi-lhe lida uma mensagem e entregue um ramo de flores, mensagem da qual extraímos:

«Entregamos-vos a nossa Igreja, Casa do Senhor e refúgio nosso, lugar das nossas súplicas, testemunho das nossas orações, aljofre de graças».

«E' o BOUQUET em que cada pétala significa uma oração e cada rosa um terço; é um montão de súplicas ao Senhor para que sejais ben-vindo.»

Pisando um artístico tapete feito de flores, dirigiu-se à Igreja por entre pétalas que lhe eram arremessadas e saudações.

No altar o Reverendo arcipreste leu a carta de nomeação e seguidamente dirigiu a palavra a todos os presentes;

Focou a figura inesquecível do falecido Padre José Joaquim da Costa Azevedo que foi Arcipreste cerca de 30 anos e que tão grandes serviços prestou à Igreja e a esta sua terra.

Com emoção referiu os seus dotes de lealdade e de bondade e a amizade que os unia.

Teceu um hino de louvor a esta freguesia de Ferreiros que tão alto ergueu o nome da Igreja e fez votos para que o esplendor de outrora seja novamente atingido.

Traçou a biografia do novo pároco, acentuando as suas excepcionais qualidades como homem e como sacerdote e dizendo depositar nele todas as esperanças na recuperação que se impõe.

A impressionante despedida do povo de Sobradelo da Goma

Terminados os cumprimentos do povo da freguesia de Ferreiros, ao seu novo pároco, a sacristia, não obstante ser espaçosa, encheu-se de povo de Sobradelo da Goma, que foi despedir-se do seu ex-pároco, ficando algum no adro por não caber lá dentro.

O que ali se passou é absolutamente indiscutível e demonstra de maneira impressionante e indelével como o sr. Padre Albino Alves era e é estimado entre aqueles que serviu durante 11 anos.

Pudemos ver que nem uma só daquelas dezenas de pessoas deixou de chorar convulsivamente, vendo-se as lágrimas deslizar abundante-

Seguiu-se a missa. A' família o novo pároco dirigiu-se aos seus paroquianos traçando o seu programa:

«Venho igualmente para todos sem distinguir pessoas e amizades. Tratarei com os mais humildes a quem tentarei ajudar a vencer as agruras da vida.

Todos são iguais para mim e de todos preciso para realizar o meu sacerdócio com o maior proveito».

A Igreja estava de tal maneira repleta que o povo se viu na necessidade de ocupar parte da sacristia e em todas as portas se via uma bichados que tentavam seguir o solene acto.

Cumprimentos da freguesia

Finda a missa o sr. Padre Albino Alves dirigiu-se à sacristia onde recebeu os cumprimentos dos seus novos paroquianos.

Todas as associações a que já nos referimos apresentaram as suas saudações e além delas todo o povo que quis conhecer o seu pároco pessoalmente e oferecer-lhe os seus préstimos.

Não há dúvida, e é este o momento oportuno de o afirmar, que a nomeação do agora empossado foi recebida com unânime satisfação por todos o que ficou exuberantemente provado na manifestação que lhe foi tributada.

Mas além da manifestação, na auscultação da opinião geral se verifica que todos sentem que a escolha foi feliz e mostra bem a atenção honrosa em que se teve esta freguesia de trabalho e de fidelidade aos sagrados princípios da Igreja.

Além da atenção que os deveres religiosos inspiram, não há dúvida que houve a intenção de olhar pelo lado social, de que a Igreja não se alheia nem se pode alhear.

Sob todos os aspectos, o homem e o pároco, o social e o religioso, é admirável verificar-se um acerto agradabilíssimo que a todos alegra e satisfaz.

mente no rosto de todos.

No momento em que cada um se abeirava do sr. Padre Albino para dedicar a sua última saudade verificamos que raro era aquele que pudesse proferir qualquer palavra pois a sua voz embargava-se pela emoção que a todos vencia. Aquele povo não sentia só uma tristeza que o dominava, mas uma comoção profunda que o esmagava.

Chorava porque não podia deter-se; lamentava-se porque sentia a perda de um pastor que fora seu amigo.

Não há dúvida que para se ser alvo de tão grande manifestação, para se despertar

pranto daquela natureza, é bem necessário ter conquistado um lugar de eleição no coração do povo.

Se o não soubessemos já

O almoço de homenagem ao novo pároco foi uma manifestação de apreço invulgar

Dentro do programa de recepção ao sr. Padre Albino Alves, constava um almoço com que os seus amigos e paroquianos o quiseram homenagear.

Servido no salão de festas da residência paroquial, devidamente ornamentado, tornou-se uma manifestação significativa do alto apreço em que o homenageado é tido no concelho da sua naturalidade (Vieira do Minho), no concelho onde acaba de servir (Póvoa de Lanhoso) e no concelho para onde acaba de vir — Amares.

Presidiu o homenageado que tinha à direita os srs.: Desembargador dr. João Vieira da Castro; Padre José António Dias, presidente da Câmara da Póvoa de Lanhoso; Dr. Tomás Gonçalves de Andrade, presidente do Conselho G. do Grémio da Lavoura, Dr. António José da Costa, advogado e nosso director; Dr. João da Mota Campos, Conservador do Registo Predial de Braga; Dr. Augusto Silva, advogado; Padre Avelino dos Santos Antunes, professor do Seminário; Paulo Barbosa de Macedo, presidente da A. dos B. V. de Amares, etc. A' esquerda sentaram-se os srs.: António Maria Santos da Cunha, presidente da Câmara de Braga; Padre José Joaquim Dias, Arcipreste da Póvoa de Lanhoso; Dr. Almeno Vieira Leite, médico e vice-presidente da U. N. de Vieira; Padre José de Miranda, João Almeida, Raúl Dias. Noutros lugares vimos os srs. Padre José Oliveira Guimarães, Amândio de Oliveira, José Gil de Macedo, José dos Santos Meneses, Frederico Colona, etc.

No momento próprio usou da palavra, em primeiro lugar, o sr. Desembargador dr. Vieira da Castro que fez largo elogio do homenageado que, segundo disse, veio para esta freguesia por sua única vontade pois se lhe tem dito que não era sua vontade, como lhe perguntou, não viria de facto.

Seguiu-se o sr. Padre José Dias que referiu a amizade que o liga ao novo pároco de Ferreiros e quanto o admira pelas suas qualidades de sacerdote e de homem.

O sr. Presidente da Câmara de Braga, unido ao homenageado por laços de

teríamos ficado a sabê-lo naquela ocasião. O que é difícil é calcular-se o grau elevado dessa conquista desde que se não haja assistido àquela manifestação verdadeiramente significativa da alma do povo das nossas aldeias quando se entrega à gratidão que ele sabe sentir de maneira muito especial.

sangue tece-lhe um hino de louvor e diz-lhe do muito apreço em que o tem. Dirigindo-se ao sr. dr. António Costa manifesta-lhe a sua amizade e diz-lhe: «não atravesse a meta da vulgaridade, passe o tempo no café e não terá atraz de si tanta inveja».

Em nome da comissão falou, a seguir o sr. João Barbosa de Macedo, um discurso longo.

Referiu-se às circunstâncias que levaram o sr. Padre Albino o ser lembrado para pároco de Ferreiros. Os méritos especiais que o impuseram e o honroso convite que lhe foi feito.

Dirige-se em seguida ao sr. Presidente da Câmara de Braga, refere-se aos pergaminhos históricos desta freguesia especialmente à Casa dos Vasconcelos, refere-se às suas armas e aos motivos que os ditaram e aos principais feitos que os imortalizaram.

Traça a obra de urbanização de D. Diogo de Sousa e Vasconcelos que foi Arcebispo de Braga e que se tornou o seu maior servidor, para acrescentar: «e foi V. Ex.a, com o seu dinamismo, o seu prestígio e o seu trabalho que suplantou aquele que pelos seus braços se encontra ligado a esta terra; dessa maneira feriu nos no que temos de mais caro — os nossos pergaminhos históricos».

Seguiu-se-lhe o sr. dr. Tomás Gonçalves de Andrade que dirigiu ao sr. Padre Albino Alves rasgado elogio, bem como ao sr. Presidente da Câmara de Braga e ao sr. Presidente da Câmara da Póvoa de Lanhoso.

O sr. Presidente da Câmara recebe uma grande ovação ao entrar na sala

Estava o sr. dr. Tomás de Andrade no uso da palavra, quando chegou o sr. Presidente da Câmara que apesar de ter uma visita oficial que só terminou àquela hora quis estar presente para cumprimentar o novo pároco.

A assistência, em pé, tributou-lhes uma calorosa saudação finda a qual o sr. dr. Tomás de Andrade continuando no uso da palavra dirigiu as suas saudações ao sr. Presidente do qual fez o elogio.

Falou seguidamente o sr. dr. António Costa que referiu as magnificas qualidades

do novo pároco que conhece de há longo tempo. Também o sr. dr. Mota Campos, seu conterrâneo e amigo, dirigiu ao homenageado as suas saudações, exaltando as suas qualidades.

O sr. Arcipreste da Póvoa de Lanhoso disse ser o homenageado um padre de princípios e de dotes excepcionais.

O sr. Presidente da Câmara usou da palavra e num improvisado magnífico falou dos direitos e deveres que cumprem à sociedade dizendo não ser justo o que por vezes se vê, de haver pessoas que julgam ter prerrogativas e não terem deveres.

Sauda o homenageado e faz votos para que a sua missão seja facilitada, oferecendo-lhe a sua colaboração no que ela for precisa.

O agradecimento do homenageado

Começa por dizer que «as dificuldades nasceram para os homens, mas o homem nasceu para as vencer».

Agradeceu a todos os brindes que lhe foram feitos na pessoa dos seus autores, agradeceu à Comissão e às Senhoras que trabalharam para a sua recepção.

Mostrou-se sensibilizado com a presença dos seus amigos de Vieira e Póvoa de Lanhoso a quem manifestou o seu reconhecimento.

Mostrou-se confiado na sua missão pelo êxito da qual vai trabalhar com a maior dedicação.

Novos assinantes

Do Rio de Janeiro, recebemos carta do sr. Guilherme Rodrigues Saraiva, nosso conterrâneo, a indicar-nos como novo assinante o sr. Augusto Magalhães Pereira, natural deste concelho.

Agradecemos as suas palavras bem como a indicação do novo assinante e quanto ao anúncio que pede, sentimos bastante não o poder atender. Aconselhamo-lo a escrever directamente para a Administração dos correios.

Pelo nosso assinante sr. Manuel Pinheiro, do Gerez, foi-nos indicado para novo assinante o sr. João de Jesus Gonçalves, funcionário da Empresa Hoteleira do Gerez, L.da.

Gratos pela sua indicação e já lhe enviamos o número anterior do nosso jornal.

Tivemos o prazer de inscrever como novo assinante o ilustre aarense sr. João José Gonçalves há pouco chegado do estrangeiro e que actualmente se encontra em Vila Verde.

Gratos pela sua inscrição e já lhe enviamos o presente número do nosso jornal.

Bilhetes — Cartas de Angola

V

Prezado Pedro Lucas:

A tua carta vinha «recheadinha» de novidades e das boas!... Assim, gostei, porque me estimulas a escrever-te mais assiduamente.

Depois... nunca pensei que verificasses com tanta facilidade. Tem chiste a tua quadra e, por isso, vou decorá-la:

«A salsa vende-se aos molhos
O alecrim às mãos cheias
Mas a Deus tanto custaram
As bonitas como as feias».

Até parece uma «farpa» de Ramalho!... Mas convence-te que isto nem com tranca vai... «O mundo está torto, e torto há-de morrer», meu caro Lucas.

Quando aí estive observei o zelo incansável do nosso Senhor Abade e, os seus esforços dispendidos para levar todos ao bom caminho. Porém, não sabes que a parábola da ovelha tresmalhada é tão antiga e tão actual como o Evangelho?

Mas agora me lembro: isto não é sermão de igreja mas bilhete carta de África. Perdoa lá «o mau jeito», e vamos à minha viagem.

Passamos por Braga, eu e o meu amigo, Sr. «Infelexível», de fugida, nem tempo houve para tomar um café. Apenas uns es-

cassos momentos e eis-nos na Estação.

Tomamos o comboio. —Partida!... —gritaram. E ele partiu. Corria vertiginosamente, e, arfando, papava quilómetros a fio...

Algumas «sandwiches» e umas «garrafitas» de sumos entretiveram os nossos estômagos vãos e, recompuseram o físico cujo enfraquecimento já se notava acentuadamente. Maisumas léguas e chegamos à Capital do Império.

Lisboa, a princesa do Tejo, cada vez mais remozada e mais bela, recebeu-nos de braços abertos, oferecendo-nos modestas pensões e luxuosos hotéis.

Ao meu amigo esperava-o a família em Santa Apolónia.

Despedimo-nos e, até hoje, nunca mais teve novas do meu ilustre, querido e saudoso amigo, Senhor «Infelexível», nem do seu barril de capitoso «verde». Se por aí vires um cavaleiro muito teso, dize-lhe que sou o mesmo, que me escreva.

Lembra-me aos teus consanguíneos e, para ti, mais outro abraço dos bons. Teu amigo,

Boa-Fé, 23 de Setembro de 1957.

Gonzaga da Cruz

Em defesa da integridade moral

(Continuação da 1.ª página)

do inteiro, como se tem visto na «guerra fria» entre as nações, que outra coisa não é do que a resultante desta trinca maligna que, é também, indubitavelmente, causa de grande intranquilidade na sociedade e no seio da família.

Fazer respeitar a integridade física é um dever essencial do direito, possivelmente o primeiro sentimento dos primitivos juristas na promulgação das primeiras leis, mas logo depois e antes da defesa da própria fazenda, está, sem dúvida, a defesa da integridade moral. Poderíamos colocar mesmo em primeiro lugar a defesa da moral, porque defendida esta, tudo o mais «viria por acréscimo».

Nunca como hoje há que fazer respeitar a pessoa humana, contra a qual se levanta um mundo lamentavelmente egoísta, despedido das belas roupagens morais da justiça, composto apenas de vil matéria que, por mal amanhada, deixou crescer demasiadamente «o joio» que entorpece os dotes naturais da alma.

Que se defenda a parte material pelas justas leis da repressão ao crime contra a integridade física e da propriedade de cada cidadão, afigura-se-nos justíssimo, mas não se relegue para último lugar a punição dos crimes lesivos da reputação moral, que em nossos dias periga a cada passo, devido à afiada língua de vizinhos e colegas, parentes e estranhos, inimigos ou até falsos amigos, arma repugnante de hipócritas, falsários, egoístas, velhacos, malvados, devassos, ladrões e de uma pron-

gada casta de almas perdidas, que brincam com a reputação alheia e jogam a honra de todos os que podem ferir com a sua língua viperina, a coberto, quando melhor, da punição da lei, procurado para vítimas da sua pérfida inclinação, os fracos e desprotegidos, isto é: os que não têm dinheiro para gastar numa custosa acusação particular.

Assim campeia a degradação moral porque se sabe de antemão que a impunição está assegurada, porque se não veem levar estes crimes frequentemente à barra dos tribunais por falta de recursos matérias apesar da severa punição que a lei lhes reserva.

Não basta que para estes graves crimes, causa acentuada de perturbação social, se estabeleçam pesadas penas; é necessário também que se facilite ao máximo a sua punição; seria até preferível que as penas fossem mais leves mas que não dependessem de acusação particular.

De resto, a justiça criminal, toda ela, deveria ser inteiramente gratuita, seguindo o exemplo de outras nações, onde o é desde há muito tempo, mas pelo menos afigura-se-nos pouco recomendável não se porem os crimes de difamação, calúnia e injúria em igualdade de circunstâncias com umas leves ofensas corporais ou com um ligeiro dano, com um pequeno furto ou com a malcreação de um dito obsceno. Se tudo isto é necessário punir, não menos pronta deve ser a justiça para castigar os difamadores e coloniadores, para travar uma luta educati-

va contra esta outra casta de malfetores que urge demascarar em público; e dizemos luta educativa porque o povo geralmente só atribui gravidade ao que vê frequentemente punir nos tribunais; percebe que o não culpam como difamador e prossegue na sua imoral tarefa, sem pensar que roubar a boa reputação é pior do que furtar, lesar a fama é pior do que causar danos aos bens do próximo, caluniar o semelhante é muito pior do que proferir uma obscenidade, ofender a honra alheia é muito mais grave do que exercer ofensas corporais.

A nós, apresenta-se-nos este problema muito sério e consideramos o difamador tão perigoso, que preferimos encontrar pela frente um agressor, com o qual poderemos medir forças, em lugar de termos de suportar os manejos subterráneos desse venenoso reptil, pejado de satânica e personhenta maldade, tanto mais asqueroso quanto é elevada a sua posição social.

EME

Assinai e
propagai
A
«Tribuna
Livre»

Folhetim da «Tribuna Livre», 40

SEMPRE NOIVOS

Por Porfrio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

Não, cá por mim não-de chegar os bolinhos... se passarem de uma dúzia — comentou o tio Francisco.

E, depois, dirigindo-se à filha:

Oh! Maria Teresa! tu perdeste o pio...

—Não, meu pai. Vocemecê e o senhor Policarpo têm estado a lembrar o passado e eu e mais o José temos estado a falar no presente e no futuro, que é o que mais nos interessa.

Felizmente, eu e o meu noivo, ainda não temos passado... mas vamos principiar a tê-lo no dia nove de Agosto...

—Cada um fala do que tem para falar...

—O passado já não interessa, a quem quer que seja!

O presente e o futuro esses sim, esses é que devem ser encarados com coragem e bonhomia.

—Para quem tem o presente e o futuro nas mãos... como vocês!

Bem, quando tiveres a minha idade talvez já não penses assim, talvez já olhes, retróspetivamente, com indelévels recordações, com dolorosas saudades.

—Tudo tem o seu tempo.

Mas saiba, meu pai, que eu e mais o meu José, embora mais tarde tínhamos saudades da quadra feliz e florida que estamos a atravessar, nunca lamentaremos o passado, visto que nós havemos de preencher, sempre, o presente, que há-de ser eterno, com a nossa alegria e com a nossa felicidade.

—Tudo tem as suas alegrias e as suas amarguras...

—O meu pai hoje está muito tetrico, depois dos bolinhos e das malguitas...

Até parece impossível ter uma filha tão alegre e espevitada!

—Se te parece!...

—Não sei porquê?

A vida, desde que queiramos, é um permanente mar de rosas...

—Sei-o eu, infelizmente.

E quanto ao mar de rosas, muitas vezes, contra a nossa vontade, transforma-se num mar de amarguras...

Nem todos têm a radiosa alegria da minha Maria Teresa, que desejo que a conserve, pela vida fora, como farol rutilante da sua felicidade.

—Eu sei! O que o meu querido pai não queria era avançar em anos...

—Advinhaste... ou alguém to dissel

—O meu pai ainda está muito novo!

Ainda há-de andar com os bisnetos ao colol

—Então que tal estão os bolinhos, tio Francisco? — inquiriu a mulher do Policarpo.

—Estão deliciosos... parece até que a senhora poupou o trabalho à Albertina de fazer a ceia.

E a mim a despesa com a mesma... — respondeu o tio Francisco, admiravelmente bem disposto.

—Coma a seu gosto, que em acabando esses, ainda ali tenho mais para encher a travessa.

—Já assim faço.

Eu embirrei sempre com as cerimónias, quando me apetece as coisas.

Os pasteis de bacalhau desapareciam a olhos vistos e a dona de casa teve que recorrer às reservas com que se havia precavido.

—Então oh! gentes! Vocês já não querem mais bolinhos — interrogou a mulher do Policarpo.

—Nós já estamos satisfeitos, responderam todos, um por cada vez.

—Isso é só para me envergonharem, não?

Pois se é esse o vosso intento, perderam a partida porque eu antes de vir para aqui guardei a vergonha, lá em casa, numa gaveta, fechada a sete chaves!

Eu pelo menos sou sincero e quero prestar as merecidas homenagens aqui à senhora Maria da Graça, comendo-lhe os bolinhos — increpou o pai da Maria Teresa.

—Assim é que eu gosto de ver, tio Francisco; pelo menos, o senhor não me deixa ficar mal.

Se cada um comêsse só um bolinho ou dois, eu havia de dizer, ou, pelo menos, pensar, que não estavam bem feitos e isso era um descrédito para mim — disse, risonha, a mãe do noivo.

—Pelo contrário, senhora Maria da Graça, estão até muito bem feitos... e muito saborosos — concluiu o marido da senhora Albertina, à guisa de agradecimento.

(Continua)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Os dois altares laterais são o do lado do Evangelho dedicado a N. Senhora de Fátima e do outro ao Coração de Jesus, tendo mais de cada lado um nicho de madeira bem trabalhado e respectiva imagem.

Tem somente as imagens precisas; nalguns templos depara-se com uma demasiada população de «santinhos», entronizados aos dois e três muito juntos, sem se poder concluir de que invocação é oratório ou altar.

As Confrarias são duas: a do S.S. Sacramento e a das Almas, ambas antigas e regidas por estatutos aprovados; também houve a de N. Senhora do Rosário, que não tinha estatutos e extinguiu-se.

Ficou por memória da sua existência uma interessantíssima imagem da mesma invocação, a qual revela bastante antiguidade, possivelmente do século XVII, e é de madeira.

O senhor abade encontrou-a em bocados e tendo averiguado que mesmo assim era objecto de interesse dos tais especuladores, tomou a iniciativa de mandar restaurá-la; e ela lá está na sacristia, em pequeno nicho singelo como lhe fica bem, a par da já referida, Senhora das Dores, que parece ter sido a primeira padroeira da Capela das Angústias, até que em tempo de que quase ninguém se recorda foi substituída pela actual que é de mais avultada estatura e ostenta vestido e manto de seda.

A sacristia não é grande nem dispõe de credências ou móveis valiosos; impressiona, no entanto, pelo bom tom e apurado gosto artístico que presidiu à arrumação de seu recheio, na leveza do conjunto e disposição das peças, a dar a ideia de um desprezencioso museu paroquial.

Uma elegante cadeira paroquial, de couros estampados em relêvo e cravejados em assento e costas de grande espaldar, estilo Luis XV, conforme inventário do arquivo; um característico móvel, tipo armário de madeira, forrado interiormente a papel e porta alta com fechadura guarnecida de espelho forma de coração, consta ter sido o primitivo sacrário e leva esses jeitos.

O sacrário, pertencente aos altares que foram substituídos ainda existe e deixa ver que o estilo do conjunto era o da «Renasença decadente».

Entre outros paramentos muito mais modernos, um valioso terno-casula, estola e manipulo, de finíssimo damasco, forrado de seda carmesim e galoado de autêntica lhama de prata dourada, encontra-se em magnífico estado de conservação; diz-se proveniente de Rendufe.

Outras preciosidades que, pelo sagrado fim a que se destinavam, acham-se devidamente resguardadas.

Dois cruzeiros paroquiais: a mais antiga, tipo cruz flordelisada ou florente, das que o santo arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires mandou distribuir pelas igrejas pobres; a moderna, metal e forma vulgares, das que geralmente aparecem a uso nas festividades e procissões solenes, ou se ornamentam com cercadura, flores e aromas, com especial esmero e brilho, para andar na visita pascal.

Em algumas terras, ainda há bem pouco tempo, era com ricas cadeias, cordões e outros objectos de ouro que se entreteciam e combinavam, a formar um leito de ouro à cruz, que pessoa especializada executava esse complicado trabalho.

O «mordomo da cruz» valia-se para esse fim das famílias conhecidas e amigas que lhe confiavam, se fosse preciso, todo o ouro que possuíam.

A residência, depois da recente transformação por que passou, apresenta-se com certo ar de asseio, no fundo do quintal todo soalheiro.

Barreiros também irigiu o seu monumento comemorativo dos centenários da Fundação e da Restauração, consiste numa cruz de Cristo a encimar a esfera armilar, sobre esbelta coluna granítica e na base as respectivas datas.

É dotada de bom edifício escolar do Plano dos Centenários.

Existe o antigo cruzeiro, muito curioso; sobre alto e delicado fuste de pedra firmava-se a cruz, mas a queda do arco, que ficou da última festividade da S.^a das Angústias, derrubou-a e partiu; consta que também tinha um globo ou esfera, atravessada por uma espada de ferro, que desapareceu há muito, havendo quem se lembre de os «mascarados» aparecerem com ela pelas desfolhadas.

Nas proximidades da igreja vêm-se outras cruzeiros que devem ser da «via-sacra».

(Continua na 4.ª página)

Tribuna de VILA VERDE

Bases do orçamento ordinário da Câmara para 1958

(Continuação do número anterior)

Art. 7.º — Todo aquele que, tendo obtido licença municipal para executar uma obra, verifique durante a execução dos trabalhos necessidade de alterar o projecto ou o «croquis» aprovado, submeterá novo projecto ou «croquis» à aprovação da Câmara, com indicação, a tinta encarnada, das alterações, e fá-lo-á acompanhar de novo requerimento em que se mencione e justifique a alteração pretendida.

Art. 8.º — A construção ou reparação de muros para que tenha sido dada licença municipal, não poderá iniciar-se sem os serviços municipais darem o alinhamento respectivo.

§ único — Quando a Câmara entender conveniente, pode exigir planta da obra a que este artigo se refere.

Art. 8.º — Só técnicos com licença para assinar projectos, ou para assinar projectos e dirigir obras, podem subscrever-se os projectos referidos nesta postura.

§ 1.º — A faculdade referida neste artigo só pode ser conferida a indivíduos que possuam curso que os habilite legalmente à construção civil.

§ 2.º — Os construtores civis inscritos no Ministério das Obras Públicas nos termos do Decreto N.º 35721, de 26 de Junho de 1946, devem juntar documento comprovativo dessa inscrição; e os inscritos nos termos do n.º 8 da Portaria n.º 11.413 de 4 de Junho do mesmo ano, devem apresentar anualmente documento comprovativo de a inscrição ter sido renovada.

§ 3.º — Os requerimentos para licença de inscrição e responsabilidade de obras devem ser instruídos com os documentos seguintes, além do referido no parágrafo anterior:

a) Documento comprovativo de habilitações profissionais.

b) Idem da inscrição do interessado na ordem ou sindicato respectivo; e

c) Idem do pagamento do imposto profissional ou contribuição industrial.

Art. 10.º — Na realização das obras a que esta postura se refere é proibido empregar andaimas suspensos ou bailéus e devem tornar-se sempre as medidas indicadas no Regulamento da Segurança dos operários de Construção Civil, de 6 de Maio de 1909.

Art. 11.º — Quando, para realização de qualquer obra, se torne necessário ocupar via pública com resguardos, tapumes, andaimas, utensílios, ferramentas ou materiais, é também devida licença municipal para a ocupação se efectuar, e essa licença pode ser pedida no requerimento respeitante à obra.

§ único — A área a ocupar

nos termos deste artigo não pode exceder em largura mais de um terço da via pública, e isso apenas quando não acarrete impedimento do trânsito.

Art. 12.º — Carece de prévia licença municipal a utilização, ocupação ou habitação de qualquer edificação nova, reconstruída, ampliada ou grandemente alterada, quando situada na sede do concelho, nas vilas de Prado e Pico de Regalados, ou ainda em qualquer outra localidade, mas neste ultimo caso somente quando o valor da obra seja superior a 20.000\$00.

§ 1.º — Se o valor for inferior a 20.000\$00 e o proprietário quizer obter a isenção referida no Decreto n.º 1.561 de 10 de Outubro de 1941, deve requerer a competente licença de habilitação ou ocupação e pagar não só essa licença de habilitação ou ocu-

pação, como também a vistoria a efectuar nos termos legais:

pação, como também a vistoria a efectuar nos termos legais:

§ 2.º — A licença referida neste artigo só poderá ser concedida depois de decorridos os seguintes prazos a contar da conclusão da obra, e depois da vistoria mencionada no n.º 21 do artigo 51 do Código Administrativo:

a) Um mês, entre Abril e Outubro, inclusivé e dois meses, entre Novembro a Março, tudo quando se trate de edificações novas ou reconstruídas; e

b) Um mês, quando se trate de alterações ou ampliações consideradas pouco importantes pelos serviços municipais.

§ 3.º — A vistoria referida no parágrafo anterior será efectuada depois de requerida a licença de utilização, ocupação ou habitação por aquele que tenha obtido a licença para as obras e depois de pagos os respectivos encargos.

§ 4.º — Do requerimento devem constar:

a) Nome, morada, qualificação (Continua na 4.ª página)

Dessiparam-se as nuvens? Não.

Não se dissiparam as nuvens! O que se dissipou, para já, foi a distensão das garras que se encolheram para se distender aproximadamente como é uso e costume nos felinos, quer sejam domésticos ou da selva Africana.

Não importa a cátedra ou o Continente; o que é preciso é distender e encolher as garras consoante o quadrante ou o motivo.

O que importa é saciar a sede de vingança e cevar o ódio implacável, quando a missão é congrassar ou apasiguar, telegando para segundo plano o rancor que, em abono da verdade, não deveria existir, por falta de lógica.

Por quê e para quê, tanto ódio e tanta intriga? Por não haver em que empregar o tempo? Acreditamos que este estado de coisas não continue sem o veemente protesto das pessoas que querem um lugar ao sol e progresso na sua terra.

Há pessoas, e existem em grande número, que não têm a hombridade precisa de se manifestarem publicamente de cara levantada e dizer: Basta, senhores!... Esta terra é de todos e para todos que nela quiserem viver, mas para viver em paz e concórdia; não levar nem trazer; não explorar assuntos banais nem complicar as causas; não dar ouvidos a pessoas boçais que deturpam os factos, uns por espírito de malvadez, outros, para ser agradáveis com o fim de levar a água ao seu moinho, puchando os cordelinhos por de-

traz da cortina, muito embora com ameaças torpes, não se lembrando que para se ser larcaio ou bôbo é preciso certo estudo psicológico e arte.

Estamos esperançados que um dia, quando menos pensarmos acabará para sempre este estado enervante. Não é preciso muito esforço para que tal suceda. Basta para isso que todos nos unamos como um só homem e que nos cafés, no culto religioso, nas tabernas ou nos lugares públicos, se não dê ouvidos a «s» miseráveis; que os contemmos em respeito e à distância para bem desta pobre terra. É preciso desmascarar os tais congeminadores, não só para nosso interesse como para nossa própria defesa.

Não basta acusar certo sector de intriguista e caluniador. É preciso desmascará-los e atacá-los bem de frente por que geralmente os atacantes tem uma tribuna quasi invulnerável de onde podem bruxulear a vontade, enquanto que os atacados só lhe resta a hombridade e a razão para se defender bem de frente e de cara bem levantada.

Esta é a razão porque estamos intrincheirados contra a congemiação, contra o inimigo de sempre que, sendo composto de inocentes, sob a protecção do seu mentor atacam como os chacais acobertados pela Hiena, confiados no seu traço de poder.

É por hoje, fiquemos por aqui, até que as nuvens se dissipem.

 **A MODELAR** TIPOGRAFIA
ENCADERNAÇÃO
PAPELARIA
DE IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO — Amares